

## Resenha

Marcos Aparecido Lopes

**ALTER**, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Robert Alter há tempos é conhecido do público leitor brasileiro pelas traduções de seus livros *Em espelho Crítico* (Perspectiva, 1998), *Guia literário da Bíblia* (Unesp, 1997) e *Anjos necessários* (Imago, 1992). O primeiro contém referências e homenagens explícitas à tradição crítica literária de Eric Auerbach. Tome-se, como exemplo, o ensaio de abertura do livro “Uma abordagem literária da bíblia” que não apenas cita o filólogo alemão a propósito das diferenças entre a *mimesis* homérica e a bíblica, mas aprofunda as categorias de análise presentes em “A cicatriz de Ulisses”. Registre-se ainda o fato daquele ensaio encontrar-se traduzido também em *A arte da narrativa bíblica*, ocupando o papel de capítulo inicial. Já em o *Guia Literário da Bíblia*, o autor é um dos organizadores de um empreendimento crítico notável, capaz de agregar os esforços de uma plêiade de pesquisadores ocupados em sondar as relações possíveis entre as sagradas escrituras e a literatura. As três obras citadas dão a dimensão da natureza da leitura praticada pelo crítico norte-americano ou dos problemas recorrentes em suas reflexões pelo menos desde os meados da década de 70 do século XX.

Os capítulos de *A arte da narrativa bíblica*, publicados originalmente em alguns periódicos norte-americanos, estão estruturados com vistas à investigação de um problema crucial: como é possível ler a Bíblia na perspectiva de prosa ficcional? Ou caso se queira ser fiel aos termos da discussão: a narrativa do Pentateuco é literária? Não há indicações prévias do que se entende por “ficção” ou pelo adjetivo “literário”. Diga-se mais precisamente: não há o propósito de enfrentar de partida questões espinhosas do tipo: o que é ou qual a função da literatura? Antes, o autor parece sugerir que esta última seria expressão de um mundo secular e profano, ao passo que a primeira, na qualidade de uma palavra revelada por Deus, poderia causar espécie a um devoto que se deparasse com a proposta de analisá-la com bases em distinções e procedimentos laicos. Ciente do desafio teórico e analítico de pensar o texto bíblico a partir das categorias da narrativa e de um momento histórico preciso, a voga das correntes estruturalistas dos primórdios da segunda metade do século XX, Alter deixa claro sua condição de não filiado à taxonomia narratológica. Acha tais procedimentos por demais esotéricos (heterodiegético, homodiegético, etc.) e prefere trabalhar com princípios de classificação que, sem descuidar do rigor e da precisão conceitual, comuniquem a um leitor não especializado a complexidade do trabalho artístico da prosa bíblica.

Da estratégia expositiva decorrem capítulos que levam em seus títulos as categorias fundamentais de especificação do funcionamento da narrativa: se o primeiro, “Uma abordagem literária da bíblia”, cumpre o papel de justificar o tratamento artístico dessa prosa, o segundo, “A história sagrada e as origens da prosa de ficção”, detém-se na construção do termo “ficção historicizada” para dar conta do híbrido narrativo. Combinando a formulação de noções

gerais, como a de ficção historicizada ou inspirando-se na clássica distinção de Auerbach acerca das operações narrativas presentes em Homero (ordenação e iluminação de todos os objetos no mundo) e na Bíblia (realce de algumas partes da narrativa e escurecimento de outras), com uma leitura cerrada de diversas passagens dos textos do Pentateuco, o crítico inglês passa, a partir do terceiro capítulo, efetivamente a uma descrição dos elementos organizadores da prosa ficcional. É claro que a microanálise de *Gênesis* II, 18-24, presente no segundo capítulo, estrategicamente distingue o suposto caráter mítico dessa narrativa de uma “ficção artisticamente concebida”. A ironia presente na ordem da narração dos acontecimentos, o jogo fonético retomado pelo crítico a partir do texto hebraico e o caráter hiperbólico das imagens constituem as vigas mestras de uma percuciente descrição textual. Uma descrição que ganha um poder heurístico quando o autor formula a existência de uma dialética imaginária para se pensar a diversidade das narrativas bíblicas. Afinal, a questão que não cala, ao longo do percurso expositivo, é como pensar uma síntese para a heterogeneidade discursiva do texto bíblico. Assim, a dialética imaginária, compreendida na tensão entre os pólos da desordem e do desígnio, ou da liberdade e da providência, é o construto analítico mais persuasivo dessa abordagem crítica, uma vez que o autor propõe entender a prosa ficcional bíblica como um permanente jogo entre a vontade de um Deus onipotente e a liberdade das ações morais dos homens na história. A possibilidade de uma narrativa que não estabelece um lugar predeterminado para o homem na ordem cósmica do mundo rompe o quadro estrito de um gênero épico. A diferença significativa da prosa bíblica é demonstrada na segunda grande parte do capítulo II, no exame minucioso e no contraponto entre *I Samuel* 24 (o ciclo das histórias de Davi) e *Juízes* III (história do assassinato de Eglon, rei de Moab). A transformação da história em ficção ou a recriação imaginativa da história, presente nos excertos selecionados para o exame, configura um duplo padrão: uma interpretação *dramática* do fato (a história da perseguição de Davi pelo rei Saul) e uma interpretação *satírica* do fato (a história do assassinato do rei Eglon).

Pelo que foi exposto, não é difícil observar que os dois primeiros capítulos contêm os procedimentos de análise que serão reiterados em todo o livro. A atenção disciplinada a determinados aspectos do texto bíblico, que passariam despercebidos a um olhar desatento, e a conceituação de algumas categorias da narrativa constituem um duplo movimento analítico do livro. No capítulo III, trata-se de discernir o que é cena-padrão e como são construídas as convenções bíblicas. O capítulo seguinte abordará uma das categorias mais discutíveis nas modernas teorias da literatura: o estatuto ficcional do narrador e a função do diálogo, no caso bíblico um narrador que combina onisciência com discrição. No capítulo V, intitulado “As técnicas de repetição”, após dissertar sobre as palavras-chave recorrentes na Bíblia, o crítico conclui, baseando-se inclusive em autores modernos como Shakespeare ou Fielding, que o mecanismo literário da repetição “serve ao mesmo tempo para unificar e dar foco à narrativa” (ALTER, 2007, p. 146). A figura do personagem e a arte da reticência serão elementos exaustivamente examinados no sexto capítulo, sendo que a questão central será pensar como a Bíblia consegue construir personagens dotados de complexidade a partir de recursos técnicos aparentemente tão modestos. A estratégia argumentativa consistirá em explorar o tipo de narrador onisciente e a economia austera presente na descrição dos personagens. Sempre atento ao texto

bíblico (dir-se-ia “uma leitura colada ao texto”), Alter observa que o personagem homérico apresenta caracteres fixos ao longo do poema épico, ao passo que o personagem bíblico passa por uma série de transformações e se oferece como motivo de especulação ao leitor. O sétimo capítulo, “Uma arte compósita”, esforça-se por equacionar um problema persistente nas análises anteriores: é legítimo estudar o texto bíblico com categorias de análise das teorias da modernidade, principalmente das teorias que discutem a noção de texto, uma vez que no caso bíblico várias parecem ser as fontes textuais e vários os autores? “Narração e conhecimento”, o último capítulo do livro, procura demonstrar como todos os meios formais desenvolvidos pelos escritores bíblicos visam a aguçar a percepção das perplexidades dos homens ou da sua condição de criaturas de Deus. Pois, segundo o crítico, entender o sentido da realidade humana à luz da revelação radical da revolução monoteísta foi uma tarefa desafiadora para tais escritores (ALTER, 2007, p. 261). Pensar a técnica literária de um texto bíblico é um meio de escavar o seu sentido e de entender o poder que tal texto exerce. O autor enfatiza não partilhar de um agnosticismo moderno para o qual o sentido literário último de um texto deva ser suspenso ou até mesmo impossível. Tampouco ele compartilha de uma *doxa* corrente acerca do relativismo de qualquer posição crítica. Advogando a idéia segundo a qual a crítica possa oferecer ferramentas úteis para as análises de outros textos, o crítico norte-americano conclui seu livro propondo uma sinopse das principais categorias que presidiram o exame dos textos bíblicos: palavras, ações, diálogo e narração.

É no mínimo curiosa a situação da leitura contemporânea dos textos bíblicos de uma perspectiva literária. Houve um tempo para o qual a qualificação do literário prestava suas honrarias incontestes ao mundo bíblico. As categorias desse mundo pareciam organizar o material artístico e até mesmo hierarquizar-lo. Porém, hoje as supostas técnicas literárias são o que parecem qualificar e tornar legível tal mundo. É difícil ignorar a máxima eliotiana ao dizer que o poder influenciador da Bíblia, em relação ao que se chama habitualmente de literatura, devia-se justamente ao fato dela ser algo totalmente diferente da literatura. No início do século XX, o poeta inglês T.S. Eliot afirmava que a distinção segura entre as duas esferas no regime da cristandade ocidental assinalava justamente o estatuto e a função da religião. Alter diz, entretanto, que, afinal, as técnicas literárias são o coração do *corpus* bíblico, a sua arte, e nisso reside em grande medida o seu poder. Em suma, a hipótese de trabalho presente no livro retoma a importância da narrativa como forma de conhecimento, sem abrir mão da filiação a uma certa tradição humanista, que encontra em Auerbach seu mais ilustre representante.